

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

Cibele de Melo Castro Ventura

**APRENDER PIANO NA IDADE ADULTA: UMA BREVE REVISÃO DE
LITERATURA**

Brasília / DF
2022

Cibele de Melo Castro Ventura

**APRENDER PIANO NA IDADE ADULTA:
UMA BREVE REVISÃO DE LITERATURA**

Monografia de Conclusão de Curso para a obtenção do título de Licenciado em Música, submetida a Universidade de Brasília, curso de Licenciatura em Música.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Euridiana Silva Souza

Brasília / DF
2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Va Ventura, Cibele de Melo Castro
APRENDER PIANO NA IDADE ADULTA: UMA BREVE REVISÃO DE
LITERATURA / Cibele de Melo Castro Ventura; orientador
Euridiana Silva Souza. -- Brasília, 2022.
37 p.

Monografia (Graduação - Música - Licenciatura) --
Universidade de Brasília, 2022.

1. Ensino de piano. 2. Adulto. 3. Formação inicial do
professor de piano. 4. Prática Docente. I. Souza, Euridiana
Silva, orient. II. Título.



Cibele de Melo Castro, matrícula 150049536

“Aprender piano na idade adulta: uma breve revisão de literatura.”.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido no Departamento de Música, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, em sala virtual no Teams, no dia 2 de maio de 2022 como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em música sob a orientação da professora **Euridiana Silva Souza** com a banca de avaliação composta também pelas professoras **Maria Cristina de Carvalho C. Azevedo** e **Carla Reis** (externa), segundo o ato 11 do dia 13 de abril de 2022 que nomeou a banca de avaliação.



Documento assinado eletronicamente por **Carla Silva Reis, Usuário Externo**, em 04/05/2022, às 11:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Euridiana Silva Souza, Professor(a) Substituto(a) do Departamento de Música do Instituto de Artes**, em 04/05/2022, às 13:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cristina de Carvalho Cascelli de Azevedo, Professor(a) de Magistério Superior do Departamento de Música do Instituto de Artes**, em 09/05/2022, às 11:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **7977860** e o código CRC **5B9FFA83**.

O conhecimento é o poder de pensar claramente, o poder para agir de maneira correta no mundo profissional e o poder para apreciar a vida.
Brigham Young

AGRADECIMENTOS

À Deus, meu Pai Celestial, por ter me ajudado a chegar até aqui com Sua força, me mostrando a cada passo que sou capaz.

À minha mãe, por ter me dado a chance e a oportunidade de poder estudar música desde a infância.

À minha família: meus pais, meus irmãos, minha tia e avó, pelo grande apoio, a ajuda e presença nas apresentações musicais ao longo dos últimos anos.

Ao meu marido, por todo seu amor, ajuda e compreensão nas horas difíceis dessa caminhada.

À minha ilustre orientadora Euridiana Silva Souza, por toda sua paciência, dinâmica, compreensão, por suas palavras e toda disposição em me orientar nesse trabalho final.

Às professoras Carla Reis (UFSJ) e Maria Cristina de Carvalho C. Azevedo (UnB), por seu tempo na leitura, análise, participação na banca de defesa, e aprovação desse trabalho.

À Universidade de Brasília, aceitando meu ingresso e aos professores que tive durante minha graduação dentro do Departamento de Música, por me ensinarem a ser uma educadora e profissional na área da música.

Aos meus professores de piano popular da Escola de Música de Brasília: Ana Luiza Rodrigues, Flávio Rodrigues e Elias Couto Santos, por terem me ensinado com paciência a amar a música e o piano, ao dar os pequenos e grandes passos durante o curso básico e técnico de Piano Popular.

Ao meu professor de piano popular na Universidade de Brasília, dentro do Departamento de Música: Renato Vasconcellos, por ter me ensinado e orientado na formação em piano popular que tenho até o momento, nunca deixando de acreditar em mim.

Aos irmãos e líderes de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, em Ceilândia e Taguatinga – DF, que me desafiaram como pianista e coralista, dando a oportunidade de ensino musical àqueles que precisavam e atuando na *performance* musical.

A todos aqueles amigos e colegas que sempre souberam dos meus estudos em música e ansiavam por me verem tocando e concluindo as fases do estudo musical.

RESUMO

O presente trabalho apresenta, através de uma breve revisão bibliográfica, quais os aspectos relevantes no processo de ensino-aprendizagem de piano para o público adulto iniciante. Tais aspectos envolvem os tipos de busca e a motivação para as aulas de piano; tipos de ensino e formação/atuação do professor, considerando os capitais pedagógicos e musicais. Estes fatores incluem os tipos de aulas proporcionadas ao aluno: criativas ou tradicionais. Destaca-se o fato de que o professor precisa ser um instrumentista, e que sua formação e prática docente afetarão diretamente os repertórios desenvolvidos pelos alunos. As habilidades demandadas na aprendizagem se destacam também como aspectos relevantes: habilidades motoras, técnicas, aurais e de leitura que precisam ser desenvolvidas para que um repertório possa a ser ensinado ao aluno. Foram elencados, ainda, aspectos como a experiência de vida do adulto, além de abordagens da aula em grupo e do público idoso ser ou não considerado dentro da categoria “público adulto”. O estudo conclui que é necessária uma formação inicial do professor de piano mais abrangente, com disciplinas e conteúdos voltados para melhor atender o público adulto e suas demandas. Assim, sugere-se, para um melhor desenvolvimento profissional do professor, que os cursos de música busquem a possibilidade de contemplar abordagens pedagógicas específicas para o público adulto, especialmente, para o ensino de piano visando atender este público.

Palavras-chave: Ensino de piano. Adulto. Formação inicial do professor de piano. Prática docente.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Esquema de fatores de influência da aprendizagem de piano e adultos | 28 |
|--|----|

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 – Organização dos textos base para a revisão | 13 |
|---|----|

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 1 METODOLOGIA..... | 11 |
| 2 ADULTOS E APRENDIZAGEM DE PIANO – ASPECTOS RELEVANTES..... | 15 |
| 2.1 TIPOS DE BUSCA POR AULA E MOTIVAÇÃO..... | 15 |
| 2.2 ASPECTOS MOTORES E COGNITIVOS..... | 16 |
| 2.3 TIPOS DE ENSINO E FORMAÇÃO/ATUAÇÃO DO PROFESSOR..... | 18 |
| 2.4 MÉTODOS..... | 21 |
| 2.5 CAPITAIS MUSICAIS E CAPITAIS PEDAGÓGICOS: O QUE A ÁREA JULGA IMPORTANTE..... | 23 |
| 2.6 A EXPERIÊNCIA ACUMULADA DO ADULTO E A ABORDAGEM DE AULA EM GRUPO..... | 25 |
| 2.7 O IDOSO: CONSIDERAÇÕES ESPECIAIS..... | 26 |
| 2.8 COSTURANDO OS FATORES DE INFLUÊNCIA..... | 28 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 31 |
| REFERÊNCIAS..... | 34 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de um assunto que está presente na vida profissional do professor de música, focado aqui no professor de piano: o ensino e aprendizagem de um instrumento musical para adultos iniciantes. A questão problematizada aqui é: quais aspectos são relevantes no processo de ensino-aprendizagem de piano para adultos iniciantes?

Tenho como objetivo elencar e discutir os fatores que influenciam o ensino-aprendizagem de piano na idade adulta segundo a literatura da área. Para tanto, farei uma breve revisão bibliográfica a partir de dissertações de mestrado, publicações em periódicos, comunicações em anais de congressos e seminários que tratam do tema.

Segundo diferentes autores (PERES DIAS, 2020; DIAS, 2015; CORVISIER & BARROS, 2014), o público adulto tem procurado cada vez mais desenvolver suas habilidades e conhecimentos diversos nos inúmeros contextos de educação, tanto em espaços públicos quanto privados, e isso inclui a busca por processos de educação musical através do piano. Aqui, consideramos adulto aquele sujeito que atingiu a maioridade e traz suas experiências ao longo da vida, que se encontra em uma posição dinâmica e em desenvolvimento (DIAS, 2020).

É possível encontrar neste público profissionais de diversas áreas e/ou aposentados, cujas razões para estudar música tem sido: dar continuidade aos estudos, porque estudaram música na infância; buscar um momento de descontração e lazer, porque se aposentaram ou têm um tempo livre; independentemente de terem, ou não, desejado a profissionalização musical em algum momento da vida. Muitos preferem ter a música como um *hobby* (PERES DIAS, 2020; DIAS, 2016). A crescente procura deste público por aulas de um instrumento musical, também apresenta outras razões, tais como: realizar um desejo antigo possível somente na fase adulta; desenvolver atividades que favoreçam sua qualidade de vida, fugindo da correria exacerbada do dia a dia; e ainda existem aqueles com gosto pela arte, o que os motiva a procurar pelo ensino deste instrumento.

Tenho curiosidade e interesse sobre essa área de ensino, uma vez que estou em processo de definir meu foco profissional. Assim, compreender como este público se comporta com relação ao ensino de piano, me permite construir conhecimentos sobre as possibilidades de ensinar com teoria, prática e experiência àqueles que desejam aprender a tocar um instrumento como o piano. Ao longo dos anos estudando música profissionalmente, grande parte do público que me procurou para melhores instruções em música e o próprio ensino de piano, foi em faixa etária acima de 18 anos. Estas pessoas reavaliaram seus desejos, vontades, e realizações pessoais com a música e o piano e resolveram iniciar ou retomar estudos. Com

essa procura, senti que precisava dar maior atenção a essa área para melhor especialização e preparação para ensinar adequadamente ao público adulto.

Uma vez que este é um público que compõe o mercado do ensino especializado em música, espero ser do interesse da área de educação musical e formação de professores desenvolver este tipo de estudo. Acredito que um professor de piano precisa ter conhecimento e ser capaz de incentivar, ensinar e educar o adulto no mundo da música de forma consciente e realista, compreendendo o que são as demandas, interesses e processos que atravessam o ensino-aprendizagem destes alunos.

Na sessão 1, apresento a metodologia usada para o levantamento de dados para esta reflexão, apresentando buscadores e a organização do material analisado. Na sessão 2, o resultado das análises dos textos destacando os aspectos relevantes do ensino-aprendizagem de piano no aluno adulto.

Nas considerações finais, aponto para a necessidade de se criar espaços no processo formativo do professor que contemplem as demandas e necessidades do público adulto como potencial público para professores de instrumento. Estes espaços podem ser contemplados nas formações das universidades nos cursos de licenciatura e no bacharelado em música com disciplinas visando a pedagogia do instrumento, e considerações sobre a formação do professor e sua influência no bom desenvolvimento do aluno em piano.

1 METODOLOGIA

A abordagem metodológica deste trabalho consiste em uma revisão de literatura, compreendida como um “levantamento bibliográfico para a compreensão e explicitação de teorias e categorias relacionadas ao objeto de investigação identificado” (NÓBREGA-THERRIEN *apud* PEREIRA, 2013 p. 222), cujo objetivo principal corresponderia ao desenvolvimento da base teórica de sustentação/análise do estudo, e, por conseguinte, a definição das categorias centrais da investigação (PEREIRA, 2013).

Consideramos aqui essa revisão como breve por ser fruto de um exercício inicial de pesquisa, que pretendeu compreender o uso de buscadores em uma plataforma de busca, e, de forma simples, selecionar textos a partir de seus títulos e resumos. Ademais, por se tratar de um trabalho desenvolvido em um curto espaço de tempo, não nos aprofundamos nos diferentes tipos de revisão bibliográfica categorizados dentro dos manuais de metodologia, como, por exemplo, a revisão integrativa de literatura ou a revisão sistemática¹ (ERCOLE, MELO & ALCOFORADO, 2014).

Assim, a revisão de literatura, aqui, é um breve exercício relacionado à construção do referencial de análise. Com base nesse conceito, o processo de coleta se iniciou a partir do buscador booleano [“ensino de piano” AND “adultos”]. Estas palavras-chaves foram usadas na plataforma do Google Acadêmico, que apresentou 267 resultados. A partir de uma leitura prévia

¹ Estes dois métodos de revisão seguem regras rigorosas de desenvolvimento, e têm como objetivo cobrir uma vasta gama de publicações de forma sistemática, ordenada e ampla. A revisão integrativa de literatura “permite a inclusão simultânea de estudos quase-experimentais e experimentais, combinando dados da literatura teórica e empírica, proporcionando uma compreensão mais completa do tema de interesse. A variedade na composição de uma amostra de revisão integrativa em conjunto com a multiplicidade de propósitos deste método fornece um quadro completo de conceitos complexos, teorias ou problemas relacionados [ao tema] (...) Para a construção de uma revisão integrativa é necessário seguir seis etapas distintas, sendo a identificação do tema e seleção da hipótese ou questão de pesquisa; estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão para os estudos/amostra ou busca na literatura; definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados/categorização dos estudos; avaliação dos estudos incluídos; interpretação de resultados; e apresentação da resenha/síntese do conhecimento” (ERCOLE, MELO & ALCOFORADO, 2014). Já a “realização de uma revisão sistemática envolve o trabalho de pelo menos dois pesquisadores que irão, de forma independente, avaliar a qualidade metodológica de cada estudo selecionado, usando um protocolo de pesquisa. Basicamente, uma revisão sistemática pode ser realizada em sete Passos: a) construção de um protocolo de pesquisa que siga os mesmos rigor de uma pesquisa primária; b) formulação da questão de pesquisa utilizando o PICO (sigla, em que P corresponde a paciente ou população, I é a intervenção, C é a comparação ou controle e O é o desfecho ou resultado); c) busca de estudos com definição de palavras-chave, estratégias de pesquisa em cada uma das diversas bases de dados eletrônicas (...); d) seleção e revisão de estudos com aplicação da inclusão predeterminada e critérios de exclusão; e) avaliação crítica de cada artigo; f) coleta de dados por meio de instrumentos para analisar em pares (dois pesquisadores simultaneamente) a validade metodológica (...) g) e por fim, o resumo dos resultados/dados, onde os estudos devem ser reunidos com base na semelhança entre eles. Cada um desses grupos deve ser pré-determinado no protocolo, assim como a apresentação gráfica e numérica, para facilitar a compreensão do leitor” (ERCOLE, MELO & ALCOFORADO, 2014).

dos títulos e dos assuntos dos resumos, foram selecionados sete trabalhos cujo conteúdo fosse direcionado especificamente à temática do ensino e aprendizagem de piano para adultos.

Nas buscas foram encontradas duas dissertações de mestrado, um artigo de trabalho de conclusão de curso de pós-graduação e quatro comunicações (artigos) em eventos científicos. Estes textos foram estudados como fontes para cumprir com o objetivo principal deste trabalho: elencar e discutir os fatores que influenciam o ensino-aprendizagem de piano na idade adulta.

Os textos utilizados como base estão elencados no quadro abaixo.

Quadro 1 – Organização dos textos base para a revisão

| BUSCADOR | TIPO DE PRODUÇÃO | TÍTULO | AUTOR/ANO | PALAVRAS - CHAVE | Síntese do texto |
|---------------------------------|--|---|--|--|---|
| “Ensino de piano” AND “Adultos” | Dissertação Mestrado (UFMG) | Um olhar sobre o ensino de piano para adultos | Aline Maria Tomanik 2011 | Ensino de piano; Aluno adulto; Motivação. | Pesquisa os processos pedagógicos, as habilidades músico/instrumentais e os aspectos motivacionais do ensino-aprendizagem. |
| | Dissertação Mestrado (USP) | Práticas docentes e o aluno adulto iniciante de piano | Adriana Moraes dos Santos Dias 2016 | Ensino de piano; Adulto; aprendizagem de piano; Criatividade; Educação musical. | Reflete os aspectos da pessoa adulta a à aprendizagem pianística, modos de condução dos conteúdos musicais e dos materiais didáticos, tendo como base alunos de escolas /conservatórios e aulas particulares de Ribeirão Preto. |
| | Artigo TCC Pós-Graduação - Claretiano Centro Universitário | Iniciação musical para adultos por meio do piano em grupo. | Mônica Peres Dias 2020 | Piano em grupo; Iniciação musical para adultos; Ensino coletivo de música. | Aborda o processo de musicalização do aluno adulto e como as aulas em grupo de piano favorecem e facilitam esse processo. |
| | Congresso ANPPOM Artigo | <i>Upper hands: a method for adults 50+ (to spark the mind, heart, and soul):</i> investigação sobre elementos inovadores na metodologia do ensino de piano para adultos. | Fátima Graça Monteiro Corvisier e Larissa de Almeida Barros 2014 | Pedagogia do piano; Métodos de piano para adultos; Gaili Schoen; James Bastien; John Thompson. | Estuda as inovações propostas nos métodos de ensino de piano: <i>Upper Hands: A Method for Adults, 50+, The Adult Preparatory Piano Book</i> e <i>The Older Beginner Piano Course</i> . |
| | Congresso ANPPOM artigo | Atividades criativas nas aulas de piano para adultos iniciantes | Adriana Moraes dos Santos Dias e Marcos Câmara Castro 2016 | Aprendizagem de adulto; Piano; Ensino de piano; Criatividade. | Apresenta atividades criativas como oportunidades para instigar a imaginação no ensino-aprendizagem. |
| | Simpósio SIMPOM artigo | Ensino de música na fase adulta através do piano | Adriana Moraes dos Santos Dias 2015 | Educação musical; Adulto; Piano; Processos de ensino; aprendizagem. | Reflete acerca dos processos de ensino e aprendizagem da música para adultos iniciantes, entre 30 e 59 anos em escolas/conservatórios e aulas particulares de Ribeirão Preto. |
| | Congresso CIMCII artigo | Por uma abordagem inclusiva no ensino de piano para idosos. | Ana Maria Janunzzi de Salles e Carla Silva Reis 2021 | Educação musical inclusiva; Idosos; Gerontologia; Pedagogia do piano. | Aborda a complexa relação existente entre a noção de educação inclusiva e os princípios engendrados do ensino tradicional de piano, para as aulas de piano em grupo para idosos. |

Fonte: elaboração própria

Após leitura e análise dos textos foram elencados os aspectos relevantes no processo de ensino-aprendizado: a motivação pela busca da aula; aspectos motores e cognitivos; o tipo de ensino e formação na atuação do professor; culturas capitais e pedagógicas; a aprendizagem acumulada do adulto e a abordagem do piano em grupo e por fim, o idoso como aluno de piano sendo imerso no conceito de ser um aluno adulto, apesar da idade avançada. Estes aspectos foram considerados relevantes pela ênfase que os autores dão a eles no texto. Nem sempre será possível traçar paralelos entre os textos, pois tais aspectos não são destacados em todos os textos.

2 ADULTOS E APRENDIZAGEM DE PIANO – ASPECTOS RELEVANTES

Nesta sessão serão discutidos os aspectos relevantes no ensino-aprendizado de adultos que se destacaram no processo de revisão bibliográfica. Minhas reflexões sobre estes aspectos irão estabelecer diálogos com outras referenciais sobre pedagogia do piano, aprendizagem de adultos e formação docente.

2.1 TIPOS DE BUSCA POR AULA E MOTIVAÇÃO

O primeiro fator é o tipo de busca pelas aulas, é caracterizado não para se profissionalizar no instrumento, mas sim, para desenvolver um *hobby* (DIAS, 2016). Segundo Dias, tem se tornado mais raro, em todas as faixas etárias, alunos que estudaram música por muito tempo e decidiram se tornar profissionais na área, seja ela popular ou erudita, isso pode ser corroborado pela diminuição de ingressantes nos cursos superiores de música, embora esta não seja a temática deste trabalho. A pesquisa da autora também apontou que há uma crença sobre a necessidade de se estudar música desde criança, juntamente com o período da escola regular, já muitos procuram atividades para preencher seu tempo livre em qualquer faixa etária. Contudo, das muitas atividades criativas para este preenchimento de tempo, a música é das mais procuradas.

Ao procurar por aulas de música, os adultos mostram que estão verdadeiramente interessados, diferente muitas vezes de algumas crianças que procuram a pedido e/ou influenciados (e sustentados financeiramente) pelos pais. Esses adultos, muitas vezes, já com família formada e carreira profissional consolidada, só agora podem realizar o desejo de aprender a tocar piano. É um público que possui uma vivência acumulada nas mais diversas áreas, diferente das crianças e jovens. Esta experiência torna a aula mais rica e permite ao professor uma relação horizontal com o aluno (DIAS, 2016).

Explorando o interesse dos alunos adultos que desejam estudar piano, as Corvisier e Barros (2014) dizem que cada grupo de adultos nas faixas etárias de 18 a 24 anos, ou acima de 25 anos até 60 anos, possuem uma motivação diferente para estudar o piano. Citam que os adolescentes, por exemplo, procuram as aulas para estarem imersos no social e poderem demonstrar suas habilidades na *performance* musical, pois muitos deles ouvem algumas músicas e desejam executá-las, e isso acaba muitas vezes os motivando para o aprendizado. Outro grupo que as autoras citam, são os universitários que desejam aprender piano durante sua graduação, mas são estudos para complementar o currículo acadêmico através de disciplinas

optativas para preencher créditos. Mas os idosos, de acordo com as autoras, não medem esforços para aprenderem piano nessa faixa etária, pois enfim realizarão um “sonho” de começar os estudos e até mesmo os continuarem, alguns são motivados também por quererem um novo começo em suas vidas após a morte de entes queridos e outros pela emancipação de seus filhos.

Contudo, para seguir com nesse processo de ensino-aprendizagem, se torna necessário um segundo fator: a motivação como um componente propulsor para iniciar e seguir com os estudos. Para Dias (2016) muitos adultos procuram os professores para aprender, mas é responsabilidade do professor fazer atividades que possam continuar estimulando e motivando estes alunos a seguir com seus objetivos. Caso contrário, é possível observar a desmotivação. Segundo Stateri (*apud* DIAS, 2016, p. 25), devem ser observados

a dificuldade exagerada de uma peça, materiais didáticos que não agradam o aluno, problemas a serem resolvidos musicalmente e não são resolvidos, postura do professor e objetivos diferentes do aluno e do professor. O aluno adulto é também muito crítico consigo mesmo como por exemplo: suas habilidades de memorização, sua execução pianística, as apresentações em público que podem ser motivos para grandes nervosismos e dificuldade em tocar, achar que estar fracassando demais ao ainda aprender a peça, pois há habilidades motoras relacionadas a execução que são difíceis, pensar que está perdendo tempo pois não se acha capaz de aprender mais só porque não deu mais tempo a peça e aos estudos.

Todas essas autocríticas podem gerar desmotivações aos alunos adultos de piano. Cabe também ao professor ajudar o aluno a enxergar seus objetivos, dificuldades e habilidades, para manter o sentimento de motivação mesmo frente aos obstáculos de aprendizado, considerando que motivação é um processo, que contém, também, a desmotivação.

2.2 ASPECTOS MOTORES E COGNITIVOS

Atrelado às questões “desmotivacionais”, é possível observar dificuldades e limitações na aula de piano que, segundo Dias (2020) podem estar relacionadas ao desenvolvimento motor do indivíduo. Silva (2020) contribui com reflexões sobre a maturidade do adulto e a importância da musicalização deste público, pontuando que os adultos possuem uma bagagem de experiências de vida, incluindo músicas/canções com a cultura que foram construídas durante sua vida, e que contribuíram para o estudo de música. Com isso em mente, o autor diz o quanto é imprescindível a distinção da educação musical de crianças e de adultos, a começar

pela “formação intelectual, grau de maturidade, a riqueza de experiências vividas, paixão pelo conhecimento e automotivação” (SILVA, 2020, p. 44). Assim, ao invés de oferecer o mesmo percurso da musicalização infantil, é necessário diferenciá-la da musicalização adulta, pois o adulto possui sua capacidade de interpretação, interlocução, abordagens reflexivas e caráter intelectual, que são inapropriadas à criança.

Mesmo que suas intenções não visem o virtuosismo, os adultos podem se sentir frustrados, uma vez que, muitas vezes, são capazes de compreender os conceitos musicais mais rapidamente do que desenvolver as habilidades necessárias para a execução instrumental. Ou seja, há um amadurecimento do cérebro e do processo de racionalização, que, nem sempre, acompanha as capacidades de coordenação motora. Além disso, a ideia de cometer um erro pode ser perturbadora para este público. Essas questões podem levar os alunos adultos à inquietação e a considerarem que não são hábeis e não tocarão muito bem o instrumento.

Questionamentos como: “você acha que é possível eu aprender a tocar” ou “é tolice de minha parte querer ter aulas de piano”, também demonstram preocupação por parte dos alunos adultos iniciantes (DIAS, 2016). Muitas vezes, este público já procura pela aula com a seguinte questão: “em quanto tempo estarei tocando?” É necessário um processo de mediação por parte do professor para que este aluno compreenda que o aprendizado é um processo gradativo e minucioso, que pode gerar um desconforto para adultos iniciante se estes associarem sua faixa etária como um empecilho para melhor capacidade de desenvolvimento e aprendizado.

Para superar estas questões, é necessário que o aluno adulto compreenda que a aprendizagem pianística

Pode ser possível se a pessoa quiser que seja, se ela estiver suficientemente motivada para isso, se estiver em boas condições fisiológicas e emocionais, se conseguir administrar seu tempo, se estiver disposta a enfrentar obstáculos, se estiver inserida num ambiente que a estimule e, sem sombra de dúvida, se encontrar um professor que saiba lidar com todas essas questões relativas ao universo do adulto. (COSTA *apud* DIAS, 2020, p. 7).

Mesmo que questões de coordenação motora possam parecer um empecilho, considerar o desenvolvimento dos aspectos cognitivos do adulto é de grande valor nesse processo de aprendizagem: a maturação do sistema nervoso e do sistema cognitivo compoem a memória, influenciando a motivação a transferência da aprendizagem.

Além da coordenação de vários movimentos, outro aspecto que auxilia na aprendizagem do piano é a notação musical relacionada à leitura e à interpretação de uma

partitura, sendo necessário para isso o exercício da memória. Ao se optar por esse tipo de registro musical, os desafios apresentados aos alunos são os mesmos de se aprender um novo idioma. No decorrer dessa alfabetização, os alunos poderão ler e tocar novas peças, reconhecendo e aplicando aspectos já aprendidos e conhecendo outros novos; mobilizando assim diferentes aspectos da cognição.

Outra particularidade referente ao aluno adulto é que, os mesmos, já possuem suas capacidades e habilidades motoras formadas, diferentemente da criança, que inicia seus estudos juntamente com a formação de tais características. Tal fato pode ser desafiador, tanto para o aluno quanto para o professor, contudo, segundo Costa (2004), o envelhecimento está associado ao amadurecimento de várias características humanas, sendo elas tanto físicas quanto psicológicas. Cada ser humano envelhece de uma determinada forma, que é definida tanto pelas características genéticas quanto pelo estilo de vida levado por cada indivíduo. (CORVISIER & BARROS, 2014).

Em sua dissertação de mestrado, Dias (2016) aponta algumas vantagens motoras, cognitivas e afetivas que o iniciante adulto tem em relação a criança. Em trabalho posterior, a autora ressalta que:

Os adultos são mais resistentes, tem maior grau de atenção, demonstram alto interesse nos aspectos teóricos, são capazes de realizar estudos independentes e compreendem os conceitos musicais mais rapidamente. Sob o ponto de vista físico, os iniciantes adultos já alcançam os pedais e as extremidades do teclado, tem uma boa abertura de mão e uma altura que propicia uma visão completa da música e do teclado. Na parte motora o adulto já tem anos de memória muscular estabelecida, principalmente no trabalho da motricidade fina. Além do mais, cada integrante da classe também tem sua própria paisagem sonora estabelecida, vivência musical e artística, sendo capaz de contribuir para a aquisição de novos saberes do grupo. (DIAS, 2020, p. 8).

2.3 TIPOS DE ENSINO E FORMAÇÃO/ATUAÇÃO DO PROFESSOR

Em virtude de o ensino tradicional de piano ter como objetivo maior “ler música, tocar sem errar”, as atividades de criação e livre expressão, dentro deste tipo de visão, estão quase sempre em planos secundários ou à margem das aulas. Dias (2016, p. 28) destaca:

A ausência de atividades nas aulas de piano como “tocar de ouvido”, compor ou improvisar, pode estar relacionada ao fato de que os professores podem não estarem dispostos a mudar os seus modos de ensino, estando familiarizados com um tipo de instrução que não contemple essas práticas no piano.

Contudo, parece que este tipo de ensino tem deixado de ser o foco de muitos professores, gerando espaço para um ensino mais criativo, no qual o aluno adulto tem lugar para manifestar seus interesses, suas interpretações, ideias e próprio estilo de tocar e fazer música.

Desenvolver atividades criativas no estudo do piano como ponto de motivação ou desmotivação, em qualquer faixa etária e em nível de desenvolvimento no instrumento, implica em conferir a esse processo a presença de ações espontâneas, reforçando as experiências de aprendizagem aí envolvidas, que não se resumem na leitura de partitura, tão importante, mas não somente. (DIAS, 2016, p. 28)

O tipo de aula pode estar diretamente ligado à formação do professor, que pode influenciar o desenvolvimento do aluno, tanto com as atividades motivadoras, quanto com o processo de aprendizagem. Caso o professor tenha uma formação muito tradicional, poderá ser difícil o desenvolvimento de aulas mais dinâmicas com o ensino mais criativo, afetando o processo de aprendizagem do aluno e muitas vezes o desmotivando. Por outro lado, o professor que tenha uma formação mais criativa pode abordar não só atividades dinâmicas para a motivação do aluno, ajudando no processo de aprendizagem, o que não exclui trabalhar aspectos considerados tradicionais, tais como a inclusão de *performance* pública, escrita e repertórios de música europeia, por exemplo. Pode-se pensar que a solução para um bom ensino criativo, dentro de uma formação tradicional, seja a abertura da metodologia do professor que possa beneficiar o aluno com o ensino criativo e o tradicional estudo do piano, tendo uma abordagem “mesclada”.

No processo de revisão de literatura, se destacaram, ainda nesta temática outras duas correlatas: a formação do professor de piano como instrumentista e professor, e seu repertório como pontos de partida para o bom ensino de piano para adultos.

Para Bozzetto (*apud* TOMANIK, 2011, p. 31) são essas características importantes na formação do professor:

um amplo conhecimento geral da música e do instrumento piano; boa formação musical; domínio e conhecimento de seu instrumento; experiências e conhecimentos de gêneros como óperas, música de câmara e música sinfônica além de conhecimento de harmonia, contraponto, análise e teoria musical. No que diz respeito às características pessoais, a paciência foi destacada em muitos depoimentos, além da responsabilidade e uma postura ética e social. Ter um bom relacionamento com seus alunos e gostar do que faz também é fundamental.

Pensar a formação do professor de piano é essencial para refletir sobre a pedagogia do instrumento. Muitas vezes o professor irá ensinar conforme lhe foi ensinado, outras vezes irá se basear em suas experiências profissionais e acadêmicas. Contudo, muitos irão aprender tendo experiências práticas de ensino, uma vez que em muitos cursos de bacharelado em piano, ou mesmo de licenciatura, não se encontram tantas disciplinas voltadas especificamente para o ensino do instrumento.

Dentro da Universidade de Brasília, por exemplo, no curso de licenciatura em música, notei, durante minha formação, uma baixa oferta de disciplinas, no curso de licenciatura, específicas para o ensino do instrumento, principalmente o piano, a considerar que quase nenhuma se aplica a esse campo específico. Percebi mais ofertas nas disciplinas de bacharelado, curso voltado para a formação do instrumentista, mas há ainda a distância entre formar um instrumentista e um professor de instrumento. Torna-se necessário a oferta de disciplinas voltadas para a pedagogia do instrumento, também no curso de licenciatura, para que o aluno universitário possa ter uma formação abrangente, e esteja preparado para o seu desenvolvimento profissional como professor de instrumento musical. Essa formação pode abranger, ao menos de forma inicial, as diferentes faixas etárias – infância, adolescência, juventude, idade adulta, além dos idosos – para que o professor em formação/com formação inicial saiba como lidar, ensinar e explorar o ensino de piano de modo eficaz e eficiente, para os diferentes perfis.

Quando não há disciplinas específicas que problematizem a pedagogia do instrumento, o que muitas vezes ocorre é o instrumentista-professor desenvolver suas próprias práticas pedagógicas por meio de sua experiência profissional. Isto reflete a lacuna ainda existente na formação geral do pianista que, provavelmente, vai atuar como professor (SOUZA, 2019; TOMANIK, 2011).

Ao pesquisar sobre bacharéis que atuam no ensino, Souza (2019) relata que:

Na construção de suas identidades profissionais, os multisujeitos desta pesquisa salientaram, nos seus processos de atuação e ocupação profissional, as necessidades de melhor compreensão dos processos pedagógicos em uma formação que considere o ato de ensinar como parte direta da profissão. No entanto, mais que a aquisição de capitais pedagógicos, a aquisição de capitais humanos e profissionais se tornou mais emergente. A necessidade de uma formação pautada na profissão, uma formação criativa e que desperte ações diferenciadas (SOUZA, 2019, p. 213).

A autora pontua, assim, a necessidade de se compreender a dimensão pedagógica inerente à profissão de músico, além da compreensão do contexto da profissão e, da compreensão também dos múltiplos contextos profissionais.

2.4 MÉTODOS

Corvisier e Barros (2014) desenvolveram um trabalho de comparação de métodos de ensino de piano para adultos, focadas no público acima de 50 anos. As autoras destacam o fato de que, este tipo de estudo, se dá mais na metodologia voltada para crianças, que é a mais produzida pela área da pedagogia do instrumento.

No ensino para adultos o professor deve estar apto a lidar com aspectos além dos físicos. Na idade avançada é necessário um parecer teórico, ou seja, o aluno adulto necessita de justificativas para as ações que serão constituídas, diferentemente da criança que não questiona o porquê dos exercícios e da metodologia do ensino. Também é vital que sejam analisadas as idiossincrasias de cada aluno, principalmente no quesito técnico-interpretativo.

As autoras analisam e comparam três métodos: *The Adult Preparatory Piano Book* (Livro um) de John Thompson (1943) e *The Older Beginner Piano Course* de James Bastien (1977), dando especial atenção ao primeiro.

O método *Upper Hands: A Method for Adults 50+ (To Spark The Mind, Heart and Soul)* é um método de ensino, ou uma “reaprendizagem” pianística, para atender os adultos dessa faixa etária. Foi feito por Gaili Schoen em 2012, uma americana que diz ser apaixonada pelo ensino de piano para adultos. Corvisier e Barros (2014) destacam que as diferenças entre o *Upper Hands* e os outros métodos são as constantes explanações e satisfações neurológicas explicadas. A autora do método, Schoen, utiliza quadros chamados *Brain Sharps* que propõem exercícios para ser um desafio ou treinamento cerebral intenso. Esses quadros não só trabalham o exercício mental como colocam o aluno adulto de frente para desafios, garantindo o sucesso de realizar o desafio.

A comparação entre os métodos considerou diferentes critérios. Após distintas análises, as autoras destacaram que o *Upper hands*

se diferencia principalmente na abordagem atrelada à ciência. Outra característica marcante em relação ao método mais atual, é que, este, apresenta uma velocidade de evolução didática muito mais lenta em relação aos métodos de Bastien (1977) e Thompson (1943). Por exemplo, na abordagem de leitura, enquanto Thompson (1943) já introduz a leitura no pentagrama logo nas primeiras páginas do material, Schoen (2012) assegura ao aluno,

primeiramente, a visão topográfica do teclado. (CORVISIER & BARROS, 2014).

Com relação aos conteúdos “teóricos, técnicos e expressivos”, o método *Upper hands*

frisa o entendimento e a aplicação quase que imediata, garantindo ao aluno um melhor aproveitamento no aprendizado. Devido a este fato, se comparado a Bastien (1977) e Thompson (1943) o método de Schoen (2012) apresenta uma proporção de conteúdos técnicos, teóricos e expressivos muito menor. Em Thompson (1943), apesar de estar frisado no início do método que seria garantida uma abordagem minuciosa dos conteúdos, ele os traz em uma velocidade exacerbada, muitas vezes, fazendo-os passar despercebidos ou de forma irrelevante para o aluno. Já em Bastien (1977) podemos notar que a carga de conteúdo sem a devida aplicação foi diminuída em relação a Thompson (1943), porém ainda se encontra em maior abundância do que no método de Schoen (2012). (CORVISIER & BARROS, 2014).

As autoras dão destaque às inovações na abordagem da pedagogia do instrumento, com estratégias de aplicação em jogos, além das explicações e estratégias baseadas na neuropedagogia. Contudo, analisam o uso de jogos como uma estratégia vinda dos métodos infantis.

Quanto à elaboração dos métodos, podemos citar que os três métodos, mesmo sendo destinados a faixa etária adulta, ainda conservam muitos resquícios dos métodos infantis. Esse tipo de abordagem infantil fica claro no método de Schoen (2012), devido ao uso de jogos e figuras, tratando o idoso como uma criança diferenciada. Nos outros dois métodos mais tradicionais, a eliminação das figuras pode ser entendida como uma das principais diferenças entre eles e os métodos infantis, uma vez que, à exceção de poucas peças diferenciadas, o conteúdo e mesmo a forma de apresentação se assemelham àquelas dos métodos para crianças. (CORVISIER & BARROS, 2014).

As autoras concluem que os resultados de seu estudo, no sentido do ensino e de metodologias voltadas para adultos, apresentam uma evolução metodológica, mas também algumas tendências pedagógicas mantidas, porém construídas em situações de ensino diferentes. Ao fim, parece que o aluno adulto, apesar de suas dificuldades, ganhou espaço no estudo de piano para superar suas dificuldades motoras, através de professores e especialistas com métodos voltados para o ensino adulto cuja ajuda os fez superar seus desafios.

2.5 CAPITAIS MUSICAIS E CAPITAIS PEDAGÓGICOS: O QUE A ÁREA JULGA IMPORTANTE

O professor de piano, e os professores de instrumentos de modo geral (SOUZA, 2019) precisam estar preparados para lidar com a realidade do ensino de música nos dias atuais, com os diferentes contextos e formas de aprendizagem, e com a diversidade do público que busca aprender um instrumento. Conhecimentos musicais e prática pianística são importantes, mas, aprender flexibilidade é essencial ao trabalho docente. “Acreditamos que tais características podem ser desenvolvidas e aprimoradas na carreira pedagógica do professor de piano, pois aprender a ensinar é um constante exercício (TOMANIK 2011, p.32)”.

Partindo da teoria de Pierre Bourdieu, Souza (2019) trouxe a reflexão dos diferentes capitais na construção profissional dos musicistas que atuam com ensino.

Capital é compreendido existindo para além do capital material, e qualificado como econômico, social, cultural ou simbólico (THOMSON, 2010). No domínio dos bens simbólicos, o autor adjetiva capital como cultural, gerando uma categoria analítica amplamente usada nos estudos de cunho sociológico. O capital cultural, enquanto dimensão da realidade social, diz da produção, distribuição e consumo de bens que podem gerar trocas e dividendos no espaço simbólico (SOUZA, 2019, p. 98).

Tomo estes conceitos aqui para dialogar diretamente com o estudo de Tomanik (2011).

Capital pedagógico é composto de habilidades, conhecimentos e compreensões relacionadas a ensino-aprendizagem; além disso, diz respeito à propriedade de decidir-fazer, concernentes a este processo. Capital musical é composto de habilidades, conhecimentos e compreensões relacionadas à música, mas também, e muito importante, a autopercepção da musicalidade e do potencial musical. (WRIGHT *apud* SOUZA, 2019, p.100).

Para Tomanik (2011), as habilidades músico-instrumentais que a área da educação musical acredita serem as mais relevantes para o ensino de piano para adultos iniciantes, também impactam no ensino/aprendizagem deste público, e estão relacionadas tanto ao ensino tradicional quanto ao ensino criativo. Estas habilidades podem ser compreendidas como capitais musicais, que no estudo aqui analisado são divididas em: (1) Habilidades motoras e técnicas; (2) Habilidades aurais - tocar por imitação ou “de ouvido”, improvisar e criar; (3) Leitura; (4) Repertório (TOMANIK, 2011, p.40).

Sobre as habilidades técnicas, Tomanik (2011, p. 41), destaca que, uma vez que a execução pianística é

uma atividade motora, a postura adequada, o posicionamento correto de braços, mãos e dedos, são alguns requisitos básicos para uma performance satisfatória desde as primeiras aulas. Cabe ao professor observar e orientar seus alunos desde o início do aprendizado para evitar o surgimento de possíveis problemas ou para que os mesmos sejam corrigidos o mais rápido possível; caso contrário, o aluno poderá adquirir maus hábitos posturais, o que acarretaria não apenas problemas técnicos, mas também físicos.

As habilidades aurais – tocar por imitação de “de ouvido”, improvisar e criar – podem ser desenvolvidas em qualquer etapa do aprendizado. Segundo Santiago (*apud* TOMANIK, 2011, p. 44), “tocar de ouvido” é essencial na formação do músico “uma vez que requer uma escuta musical atenta e persistente e que favorece o desenvolvimento da capacidade de ouvir a si mesmo”. Improvisar e criar possibilita ao aluno o envolvimento direto com a técnica, interpretação e senso rítmico. Esse envolvimento torna-se potencialmente enriquecedor no início da aprendizagem, pois, durante a composição, os alunos “frequentemente empregam elementos musicais mais complexos do que os conteúdos abordados em aula” (FRANÇA *apud* TOMANIK, 2011, p. 46).

A habilidade de leitura da partitura é considerada, nesta literatura, indispensável, pois possibilita o entendimento dos símbolos, dinâmicas, acordes, notação musical em diversas claves, e torna o aluno capaz de tocar qualquer música ao saber interpretar a escrita musical. Tomanik (2011, p. 50-51) destaca que “na fase de iniciação, proporciona ao aluno [...] o acesso a um repertório de diferentes períodos, compositores e estilos. Para o aluno adulto ela pode ainda representar uma ‘superação’”.

Ser capaz de tocar um repertório é o objetivo de quem se propõem a aprender piano. Por isso, é fundamental, no processo de ensino/aprendizagem, haver um repertório que traga a prática das habilidades músico-instrumentais para o aluno se desenvolver como instrumentista. Escolher um bom repertório dá ao aluno a oportunidade de demonstrar seu melhor em sua performance. O professor necessita ser compreensivo na escolha, tanto em níveis mais fáceis quanto difíceis. Caso este repertório seja musicalmente complexo e o professor julgar que está ao alcance do aluno, poderá ocorrer um efetivo aprendizado e o aluno aprenderá a dominar o instrumento, atravessando barreiras musicais que antes pareciam ser impossíveis (TOMANIK, 2011). Esses acontecimentos podem colaborar para o interesse e a motivação do aluno, principalmente ao ter um repertório que condiz com as suas expectativas e seu gosto musical. Assim, seu processo pode ser bem desenvolvido, além de proporcionar a alegria e a conquista de tocar.

Seja qual for a idade do aluno, estas habilidades devem ser desenvolvidas de forma completa, trazendo experiências musicais, que podem se tornar ferramentas para o fazer musical buscando atingir os objetivos do aluno (TOMANIK, 2011).

2.6 A EXPERIÊNCIA ACUMULADA DO ADULTO E A ABORDAGEM DE AULA EM GRUPO

Na revisão de literatura, evidenciou-se que a experiência acumulada de um adulto em comparação a outras faixas etárias é um fator importante no aprendizado de algo novo. Tomanik (2011, p. 54) afirma que

quando se trata de alunos iniciantes adultos, a escolha de métodos e repertório adequados pode apresentar desafios ao professor. A maioria dos métodos de iniciação ao piano disponíveis no mercado brasileiro é direcionada às crianças; e quando se trata de repertório não é diferente. É frequente encontrar músicas que remetem ao universo infantil. Outro fato que chama a atenção é que, tradicionalmente, o ensino de piano prioriza o repertório de música erudita europeia. A própria formação dos professores de piano é um reflexo desse fato, o que revela que o repertório brasileiro não é trabalhado nas aulas de piano, especialmente com iniciantes.

Contudo, os alunos adultos, ao contrário das crianças e dos jovens, possuem grande experiência acumulada ao longo dos anos, em diferentes áreas. Essa experiência tem um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem ao vermos a relação professor-aluno que ocorre, muitas vezes, de forma horizontal, através de troca de conhecimentos, habilidades e experiências de vida. Podemos dizer que o aluno adulto age como um companheiro e colaborador neste processo.

Para o adulto, algo que também é apresentado nos trabalhos revisados, são as aulas de piano em grupo. Para Dias (2020), a iniciação das aulas de piano em grupo para os adultos, pode apresentar algumas vantagens em termos musicais, emocionais, psicológicos e técnicos. E embora haja diferenças entre os alunos, como o nível ou rapidez para o aprendizado, a audição, a dedicação e a disponibilidade de estudar, é necessário que o professor seja compreensivo e possa planejar aulas que possam adequar o conteúdo às dificuldades e facilidades dos alunos.

Outra vantagem das aulas de piano em grupo parece ser o fato de que essa modalidade de ensino proporciona maior motivação, que surge pelo ambiente coletivo da convivência com os colegas, das possibilidades de troca de experiências, muitas vezes, da percepção das dificuldades em comum.

Esta metodologia visa não só trabalhar a aprendizagem e a prática do instrumento, mas também desenvolver a possibilidade de ouvir, ouvir os outros e fazer-se ouvir. Este processo desloca o foco individualista da aprendizagem musical tradicional e permite ao aprendiz priorizar o desenvolvimento auditivo (GONÇALVES *apud* DIAS, 2020 p. 8).

Partindo do conceito citado inicialmente nesse trabalho, de que o adulto é aquele que atingiu a maior idade e que possui experiências de vida, para Dias (2020), o perfil desse aluno favorece a proposta de troca e interatividade de uma aula coletiva de instrumento, pois o ensino de piano em grupo é uma maneira de conduzir este aluno a atingir seus objetivos de maneira mais humanizada e colaborativa. Outras vantagens apontadas para essa modalidade de aula seriam: o desenvolvimento da sociabilidade através de atividade em conjunto, como jogos, tocar em conjunto; o desenvolvimento da crítica e autocritica entre os alunos; incentivo à solidariedade entre os alunos, onde um ajuda no aprendizado do outro; as aulas mais divertidas; a descoberta em conjunto dos conceitos musicais; a ampliação do repertório pianístico ao ouvir o colega; desenvolvimento da segurança rítmica ao tocar a mesma peça juntos ou participar de um conjunto.

Para o professor, e também para o aluno, de acordo com Rebouças (*apud* DIAS, 2020, p. 4) se destacam, ainda, as seguintes vantagens: melhor aproveitamento do tempo do professor, os alunos se preparam melhor para as aulas, por causa da presença do grupo; desenvolvem uma maior autoconfiança; são mais motivados; estão constantemente em situação de prática de conjunto; aprendem por imitação uns com os outros; acostumam-se a tocar em público; são expostos a uma maior variedade de repertório; e levam vantagem sobre os alunos de aulas individuais no estudo da notação musical, história da música e teoria.

Por fim, outras razões são observadas por Dias (2020) para a aplicação desta metodologia de aula, é a de otimizar a capacidade de desenvolver a criatividade, a improvisação e ter a prática de tocar juntos como uma banda ou conjunto, ou até mesmo uma peça a quatro mãos. Além do grupo também trocar informações entre si, analisar juntos o repertório, sugerir ideias, o que evidencia que o trabalho em equipe e o convívio social vividos nas aulas em grupo podem, inclusive, facilitar o aprendizado do piano.

2.7 O IDOSO: CONSIDERAÇÕES ESPECIAIS

A terceira idade é uma extensão da vida adulta, na qual a pessoa ocupa, social e geracionalmente, o lugar de idoso. Salles e Reis (2021) desenvolveram uma pesquisa sobre a

educação musical, especificamente voltada para as aulas de piano para idosos, pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos, assim como consta no Art. 1º do Estatuto do Idoso do Brasil, Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003 (BRASIL *apud* SALLES & REIS, 2021, p. 69). A metodologia dessa pesquisa está voltada a ideia de inclusão do aluno idoso no processo de aprendizagem de música.

A noção de “ofício do pianista”, citado pelas autoras, parte da “descrição de práticas e representações que subjazem à sua formação” (SALLES & REIS, 2021, p. 4), em que se destacam:

a valorização da precocidade na iniciação instrumental, a importância do repertório como meio de classificação e reconhecimento pelos pares, a grande dedicação de tempo à prática instrumental e tenacidade na rotina de estudo como também um estilo de vida devotado ao piano e à música erudita (SALLES & REIS, 2021, p. 5).

A partir dessa noção, se torna possível moldar um percurso de formação “ideal” para o aluno que sempre quis estudar piano e ter expectativas profissionais de serem futuros professores. Contudo, se os alunos idosos, enquanto alunos de piano, são considerados tendo esse “ofício do pianista” em mente, surge a questão de se este aluno será capaz de reproduzir desenvolvê-lo em suas práticas. Ensinar, partindo desse ideal, pode gerar no adulto idoso, sentimentos conflituosos, incluindo a frustração. Sobre isso, as autoras continuam em suas análises:

Em primeiro lugar a ênfase na precocidade ou mesmo na "herança genética", que explicita também a predominância no campo da visão essencialista do talento, [leva o] professor de piano poder – mesmo que inconscientemente – duvidar da importância de se estudar um instrumento na idade adulta, dando às aulas um caráter terapêutico. O segundo ponto se refere à centralidade ocupada pelo repertório canônico ocidental na construção da identidade profissional do pianista. Seja pela quantidade, seja pela dificuldade das obras dominadas, o repertório constitui um importante indicador de competência. Diante disso, a perspectiva de não se abordar tal repertório em aulas para idosos (seja por limitações físicas ou divergência de interesses) também pode constituir um entrave para o professor. (IDEM).

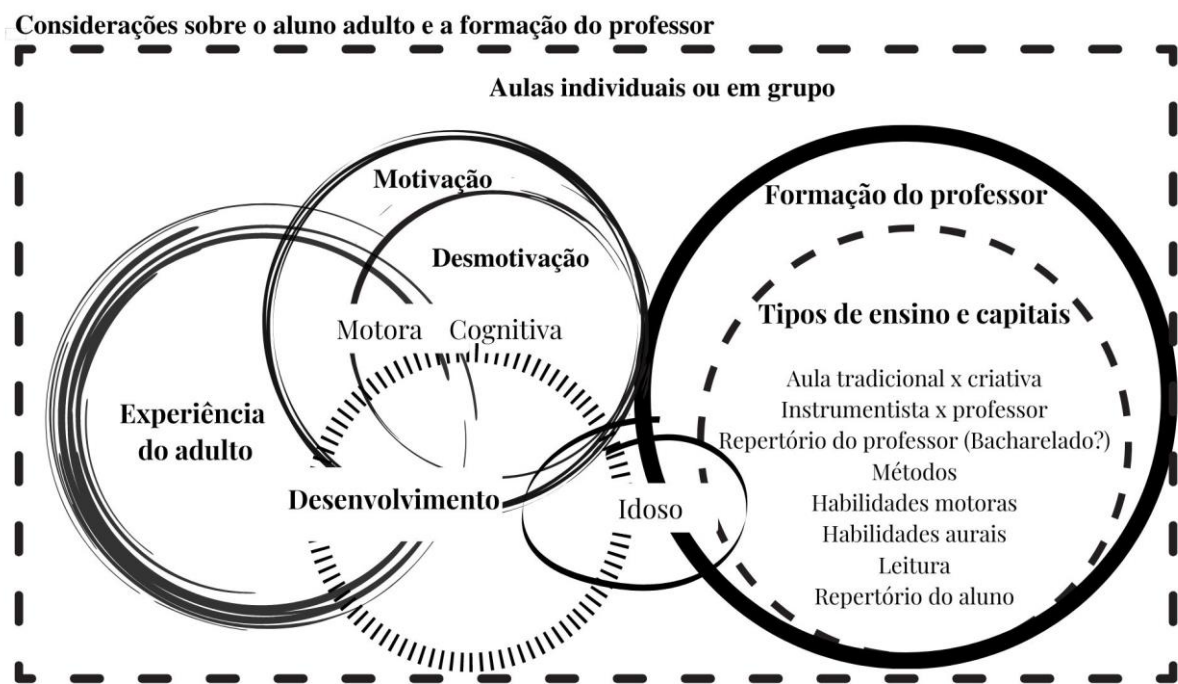
Para o idoso, de forma ainda mais enfática, torna-se necessário buscar novas metodologias e estratégias didáticas, uma vez que a própria condição do envelhecimento parece trazer consigo alguns conceitos socialmente praticados, que podem inibir capacidade do adulto idoso em experimentar novas experiências musicais. A inclusão deste público dentro da educação musical, vai exigir um esforço por parte dos educadores, que vai “além de apenas remanejar os métodos e livros de iniciação pianística utilizados em sala de aula, acreditamos

que a inclusão se inicia no diálogo, e tem como base o respeito à vida e a diversidade” (SALLES & REIS 2021, p. 5).

Os alunos idosos quebram a tradição da precocidade da iniciação ao instrumento e do perfil, segundo o “ofício do pianista”. Por isso, buscam maneiras de um aprendizado mais eficaz e partindo de seu próprio interesse musical. Não considerar tal ofício pode ajudar o aluno idoso a se sentir mais capaz e confortável.

2.8 COSTURANDO OS FATORES DE INFLUÊNCIA

Figura 1: Esquema dos aspectos relevantes no ensino-aprendizagem de piano em adultos



Fonte: elaboração própria

Ao analisarmos o quadro acima, sobre as considerações do aluno adulto e dos saberes necessários ao professor de piano, vemos os aspectos relevantes no ensino-aprendizagem de piano em adultos ao começarmos pela busca da aula do instrumento. Essa busca pode abranger a aula individual ou a aula em grupo, mesmo que neste trabalho não haja um foco específico nas aulas em grupo.

Dentro das aulas, tanto em grupo quanto individual, o ponto central parece ser a formação do professor e a construção de sua prática docente. Isso ocorre porque a condução das aulas, a escolha e o desenvolvimento das metodologias, a aplicação e até mesmo a construção dos capitais simbólicos serão definidoras no início e continuidade do processo da

educação musical desenvolvido por esse professor com alunos adultos. Essa formação, constituída de bagagens e experiências profissionais e pessoais, influencia diretamente o aluno em seu processo de aprendizagem do instrumento.

Ao pensarmos na formação do professor como ponto central, destacam-se os tipos de ensino e os capitais pedagógicos e musicais que o professor tem desenvolvido. Esses tipos de ensino, como o tradicional ou criativo, são a forma como o professor pode conduzir sua aula. Independentemente do grau de sua formação instrumental (bacharelado ou licenciatura), é imprescindível demonstrar sua capacidade de *performance* musical no instrumento. Muitos professores formados no bacharelado trazem influências diretas desta formação para o ensino – tipo de repertório, estratégia de ensino, dentre outros. Estes fatores podem se ligar às expectativas e realidades nas aulas: o que o aluno espera de um professor; o que o professor espera do aluno, ao considerarmos tanto capitais pedagógicos, no enfoque ensino-aprendizagem, quanto musicais, nas habilidades aurais, motoras e técnicas; e na leitura e repertório desenvolvidos ao longo das aulas.

Ao lado desses fatores da formação do professor e dos tipos de ensino, elencamos a motivação e a desmotivação, enquanto um processo, dentro das aulas de piano. Podemos encontrar a motivação quando há retornos positivos para o aluno dado pelo professor, do que o aluno alcançou em seu treino e estudo. Porém, há que se considerar também a desmotivação, que pode ocorrer no aluno como reflexo da formação do professor e de seu tipo de ensino, mas também por conta do processo motor e/ou cognitivo. Esse desenvolvimento cognitivo e motor pode afetar as aulas de piano de forma negativa e positiva. Será um fator negativo para aqueles que sentem a desmotivação pela falta desse desenvolvimento, mas podem ser positivos para aqueles que estão se desenvolvendo e até mesmo se sentem realizados com o processo de superação, ao alcançarem seus objetivos, principalmente o de poder tocar o piano.

Essa faixa etária nos faz deparar com a experiência de vida pessoal e até mesmo profissional que o adulto ao ser aluno carrega. Esta experiência também está ligada diretamente com a motivação e a desmotivação, podendo ser, inclusive, um dos fatores de busca pelas aulas: desejos pessoais e acumulativos durante a vida que não foram realizados. Mesmo que as aulas de instrumento sejam um desejo e procurando por elas, a experiência trazida que ele traz o ajuda a se motivar: se motivar por causa de sua escolha e independência de estudar novamente a música, buscando alcançar seus objetivos. Esta mesma experiência, pode, entretanto, levar à desmotivação, para aqueles que pensam que não são mais capazes de estudar o instrumento e aprender a tocá-lo, ou não possuem idade e rapidez do aprendizado. Parece ser um eterno jogo de expectativas frente à essas experiências de vida.

O adulto em idade mais avançada, ou idoso, também se depara com todos esses fatores, sendo agravados, inclusive, por já estarem nessa idade mais avançada. O que nos leva a considerar: será que podemos considerar o idoso como um aluno adulto e incluí-lo nesse processo de ensino e aprendizagem da música? Ou devemos tratá-lo sempre como grupo separado? Acreditamos que o idoso deve se sentir incluído e considerado capaz de realizar seus objetivos como estudante de música, levando o professor a atender suas necessidades e ajudá-lo com métodos e estratégias específicas.

Ao refletir sobre como estes aspectos conversam entre si, porque fazem parte da construção do universo adulto de forma mais ampla, a formação inicial do professor, de forma crítica, compreendendo a diversidade do público, é fundamental. Para um professor definir sua pedagogia no piano, serão somadas suas experiências pessoais como aluno, mas também seu processo de construção docente, através de disciplinas oferecidas na área da didática em seu curso de formação. Deve-se considerar também a experiência na prática docente – a experiência como professor – tanto no decorrer de seus trabalhos musicais ou mesmo durante sua formação ao longo da vida.

A formação do professor pode (e deve) ajudar o aluno adulto iniciante a se manter motivado, mesmo com desafios ao longo do processo de ensino-aprendizagem. O que nos leva a pensar sobre a real importância da formação do professor de instrumento. É necessário um espaço que permita uma reflexão maior sobre o público adulto, enquanto público potencial do professor de música, ainda nos processos formativos. Logo, o professor em formação (futuro professor) deve desenvolver um olhar sobre os fatores citados, considerando que o universo adulto apresenta tantas demandas e especificidades quanto o universo infanto-juvenil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto da aprendizagem do adulto, observamos que, a partir de certo ponto de sua vida, ele está motivado para o estudo por “objetivos pessoais, e não por alguma imposição dogmática, vinda de outrem” (SILVA, 2020, p. 44). Por essa razão, o autor compartilha que o adulto se torna um bom interlocutor no meio em que a música pode ser considerada uma língua. Às vezes, os adultos não buscam o reconhecimento de serem artistas ou de estarem no mercado de trabalho como músicos, especialmente os adultos iniciantes que querem somente atingir o seu pedido feito ao professor: aprender a tocar piano.

Por ser específica, o ensino-aprendizagem do adulto pode ser descrita sob o termo “Andragogia”. O termo demarca a necessidade de se pensar as características de um projeto em educação musical que vise o público adulto. De acordo com Alecrim (*apud* SILVA, 2020, p. 47) o termo “andros (homem) + agein (conduzir) + logos (ciência), surge desta forma em oposição à Pedagogia que deriva dos vocábulos paidós (criança) + agein (conduzir) + logos (ciência)”. A prática deste conceito toma “em conta e cultiva os comportamentos dos indivíduos e as suas necessidades e vivências, o que pode ajudar a justificar o interesse e a necessidade que o público adulto tem numa determinada altura da sua vida” (ALECRIM *apud* SILVA, 2020, p. 46).

Estas análises sustentam minhas considerações finais para salientar que o universo do aluno adulto iniciante de piano é complexo, com vários aspectos que são relevantes que foram destacados ao longo do trabalho.

Ressalto que há algumas implicações diretas da construção de saberes e práticas docentes, ainda na formação inicial do professor, sendo necessário esclarecer que “o movimento de reformulação dos cursos de formação tem sua origem nas críticas aos pressupostos do modelo da racionalidade técnica, que definem um determinado perfil de educador, bem como suas competências para ensinar” (ALMEIDA e BIAJONE, 2007 p. 290).

Os cursos de formação foram divididos em duas partes: na primeira, ensinavam-se as teorias e técnicas de ensino que eram apresentadas como saberes científicos e, portanto, inquestionáveis e universais; na segunda, os futuros professores realizavam, numa prática real ou simulada, a aplicação dessas teorias e técnicas” (ALMEIDA e BIAJONE, 2007, p. 291).

Ao longo dos anos, formação docente com teorias e técnicas de saberes científicos universais e inquestionáveis, citados por Almeida e Bijaone (2007), parece não ser suficiente.

A formação universitária inicial do docente poderia ser pensada pelas universidades e reformulada com alguns considerando pontos abrangentes para as possíveis atuações profissionais. Retomando minha própria formação, gostaria de ter cursado uma licenciatura com maior desenvolvimento no meu instrumento, e não apenas em “música em geral”. Acredito que a área, ao valorizar a formação instrumental apenas no bacharelado, não favorece o desenvolvimento profissional daqueles que querem atuar como professores de instrumento. Estas licenciaturas com habilitação em instrumento, que mesclam formações típicas de bacharelado com as típicas das licenciaturas já existem (SOUZA, 2016). Quando não são a opção das instituições de ensino, é importante que os cursos considerem as dimensões do ensino na carreira de música, apresentando possibilidades de se pensar e aprender mais sobre a pedagogia do instrumento, para diferentes públicos.

As disciplinas, e possibilidades de práticas de ensino de instrumento durante a formação, devem considerar o público adulto, trazendo assim o estudo de novas técnicas, materiais didáticos específicos para essa faixa etária, e abordagens pedagógicas tanto pianísticas quanto musicais, estudadas pelo docente para melhor educar o aluno dentro do piano, ajudando-o a atingir seu objetivo musical. Dessa maneira, as demandas de ensino para alunos adultos serão mais bem atendidas, através da formação de professores mais bem preparados para atuar com um público cada vez mais crescente, como citado anteriormente neste trabalho. Não menos importante, pode-se acrescentar nestas disciplinas estudos específicos voltados para o adulto com idade avançada, o idoso.

A partir da revisão feita neste trabalho, acredito ser o ponto central para a qualidade das aulas o tipo de ensino dado ao aluno e a formação do professor, como citados no capítulo anterior ao costurar esses fatores. Penso que essa formação do professor influencia o aluno como referência musical, além de compartilhar conhecimentos musicais e pessoais, habilidades específicas pianísticas e histórias pessoais que auxiliam no bom relacionamento aluno-professor. A formação do professor precisa ser bem estruturada, de modo a influenciar o aluno adulto de maneiras positivas (e o menos possível as negativas) com seu tipo de ensino, deixando-o apresentar seu desenvolvimento musical cognitivo e motor, junto a influência de sua experiência adulta, como resultado de aprender a tocar o instrumento e ser motivado a permanecer tendo aulas de piano.

Em minha formação musical dentro da Universidade de Brasília, não tive uma formação específica para ensinar o instrumento, principalmente com a faixa etária adulta. Não há a oferta de disciplinas específicas para a licenciatura que ensine sobre a pedagogia do

instrumento voltados para o piano, que esteja dentro do currículo e do fluxo do curso. É dado dentro da Universidade a possibilidade de fazer disciplinas de outros cursos de graduação, principalmente da Pedagogia, porém há uma lista de alunos com prioridades para as disciplinas de Educação Infantil e Educação Adulta, de formas gerais. Embora as reflexões gerais possam ser transpostas para o ensino de música, este ensino demanda conhecimentos específicos. Este trabalho de revisão lançou luz para que eu pensasse em muitas possibilidades e pudesse compreender os pontos fracos da minha formação, e o que devo buscar para me desenvolver profissionalmente como professora de piano.

Refliro pessoalmente que esse trabalho me trouxe a abertura de portas sobre o ensino e aprendizagem do aluno em piano, em específico com o público de alunos adultos. Me trouxe maiores conhecimentos e possibilidades práticas para saber profissionalmente ensinar, educar, compreender, atender e suprir as necessidades dos alunos adultos, e até mesmo funcionar como um pontapé inicial para possíveis estudos acadêmicos mais avançados. Concluo o trabalho com condições de repensar minhas abordagens de ensino de instrumento para adultos ao estudar e colocar em prática os ensinamentos analisados nessa pesquisa. Espero que possa haver uma abrangência e soma dos conhecimentos a serem acrescentados dos pontos aqui estudados àqueles que desejam ter como público de ensino o aluno adulto.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri, BIAJONE, Jefferson. Saberes docentes e formação inicial de professores: implicações e desafios para as propostas de formação. **EDUCAÇÃO E PESQUISA**, v. 33 n. 2, maio/ago. 2007, p. 281-295.
- CORVISIER, Fátima Graça Monteiro; BARROS, Larissa de Almeida. *Upper hands: a method for adults 50+ (to spark the mind, heart and soul)*: investigação sobre elementos inovadores na metodologia do ensino de piano para adultos. In: XXIV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA. **Anais...** São Paulo. ANPPOM, 2014.
- DIAS, Adriana Moraes dos Santos. **Práticas Docentes e o Aluno Adulto Iniciante de Piano**. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- DIAS, Adriana Moraes dos Santos. Ensino de música na fase adulta através do piano. In: III SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, **Anais...** Rio de Janeiro: SIMPOM, 2015. p. 176-182.
- DIAS, Adriana Moraes dos Santos; CASTRO, Marcos Câmara. Atividades Criativas nas aulas de piano para adultos iniciantes. In: XXVI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA. **Anais...** Belo Horizonte. ANPPOM, 2016.
- ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart C. Integrative Review versus Systematic Review. **Rev Min Enferm**, jan/mar; 18(1): 1-260, 2014.
- PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. Fundamentos Teórico-Methodológicos da Pesquisa em Educação: O Ensino Superior em Música como Objetivo. **EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE**, v. 22 n. 40, 2013, p. 221-233.
- PERES DIAS, Mônica. **Iniciação Musical para Adultos por meio do piano em grupo**. Claretiano – Centro Universitário. Santos, 2020.
- SALLES, Ana Maria Janunzzi; REIS, Carla Silva. Por uma abordagem inclusiva no ensino de piano para idosos. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL DE MÚSICA E CULTURA PARA INCLUSÃO. **Anais...** Santiago de Compostela. A Corunã: CIMCII, 2021.p. 68-72.
- SILVA, Kristoff. **Afinação da interioridade**: um estudo sobre a integração da canção popular brasileira à musicalização de adultos. [Tese] Doutorado. Programa de Pós-graduação em Música da UFMG, Belo Horizonte, 2020.
- SOUZA, Euridiana Silva. **Da arte de (re)posicionar-se**: educação musical superior e construções de identidades profissionais de bacharéis que atuam no ensino. [Tese] Doutorado. Programa de Pós-graduação em Música da UFMG, Belo Horizonte, 2019.

SOUZA, Euridiana Silva. Músicos-educadores: reflexões sobre atuação profissional de músicos no ensino, educação musical superior e expectativas de alunos e egressos de Universidades de Minas Gerais/Brasil. XI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA REDE LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE O TRABALHO DOCENTE. (11.). Cidade do México, 2016. **Actas...** Cidade do México, Rede ESTRADO, 2016.

TOMANIK, Aline Maria. **Um olhar sobre o ensino de piano para adultos**. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.